

UMA ABORDAGEM DA VARIAÇÃO NO USO DA PREPOSIÇÃO *ni* EM *CORPUS* ORAL DA COMUNIDADE DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS VOLTA DO ANGICO

Maria Damiana Gonçalves dos Santos¹

RESUMO: O presente artigo teve por objetivo verificar o uso variável da preposição *ni*, em *corpus* oral da comunidade de remanescentes quilombolas de Volta Angico, situada na cidade de Canarana-Ba. O material analisado é composto por 6 amostras representativas da comunidade supracitada, que integram ao banco de dados pelo Projeto Estudos Linguísticos e Históricos do Sertão (ELiHS), em execução na UNEB, *campus* XVI. A análise é norteadada pela Teoria da Variação e Mudança, desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog [1968]. A pesquisa confirma, portanto, nossas hipóteses iniciais sobre o uso dessa variante *ni* em variação com a preposição *em*. Os dados foram rodados no programa Goldvarb X, no entanto o programa não selecionou nenhuma das variáveis como relevantes na rodada binominal, por isso os resultados foram apresentados em percentuais. A análise dos dados apontou que a variante *ni* é usada pelos falantes de volta do Angico em menor proporção quando comparada ao uso da variante *em*. Para as variáveis sociais, os dados também apontam uma maior saliência da preposição *ni*, para o sexo masculino sendo 41.7%. Os resultados, apontou uma maior frequência da variante *ni*, para as faixa-etária I e II. Para as variáveis linguísticas, obtivemos resultados que nos chamam atenção, quanto ao nível de ocorrências para essa variante em questão. Sendo assim, é possível ratificar que a variação observada se mostra relacionada a pressões internas e externa a língua, porque seus usos são controlados por variáveis estruturais e sociais, ambas agindo conjuntamente no processo de variação.

Palavras-chave: português brasileiro; comunidade quilombola; preposição *ni*.

ABSTRACT: This article aims to verify the variable use of the preposition *ni*, in an oral corpus of the community of quilombola remnants of Volta Angico, located in the city of Canarana-Ba. The material analyzed is composed of 6 representative samples from the aforementioned community, which are part of the database by the Linguistic and Historical Studies Project of the Sertão (ELiHS), in execution at UNEB, *campus* XVI. The analysis is guided by the Theory of Variation and Change, developed by Weinreich, Labov and Herzog (2006). The research therefore confirms our initial hypotheses about the use of this variant *ni* in variation with the preposition *em*. Data were run in the Goldvarb X program, however the program did not select any of the variables as relevant in the binomial run, so the results were presented in percentages. Data analysis pointed out that the *ni* variant is used by speakers back from Angico to a lesser extent when compared to the use of the *em* variant. For social variables, the data also show a greater salience of the preposition *ni*, for males, 41.7%. The results showed a higher frequency of the *ni* variant for age groups I and II. For the linguistic variables, we obtained results that call our attention, regarding the level of occurrences for this variant in question. Therefore, it is possible to confirm that the observed variation is

¹Discente do curso de Licenciatura em Letras - Língua portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XVI - Irecê. BA- Matrícula nº 191510028, ano de ingresso 2015.1, que apresenta este Artigo como requisito parcial à obtenção ao título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa, sob orientação da prof. Ma. Dayane Moreira Lemos. Endereço eletrônico: mdamianasantos2019@gmail.com

related to internal and external pressures on the language, because its uses are controlled by structural and social variables, both acting together in the variation process.

Keywords: brazilian portuguese; quilombola community; preposition *ni*.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos tempos muito se tem avançado em pesquisas na área da sociolinguística, e esse avanço tem como proposta investigar a linguagem, relacionando os processos de variação aos fatores sociais e linguísticos que os condicionam, reafirmando o caráter heterogêneo e dinâmico das línguas naturais. Numa perspectiva científica, muitos pesquisadores brasileiros, desde de 1970, embasados na Teoria da Variação e Mudança, proposta por Weinreich, Labov e Herzog [1968], vem se ocupando da descrição de fenômenos variáveis no Português do Brasil.

O artigo aqui proposto teve como base teórica a Sociolinguística, nos permitindo descrever e explicar o processo de variação no emprego da preposição *ni*, identificando os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem sua recorrência. As discussões também, teve como apoio teórico estudos sobre a sócio-histórica e formação do português brasileiro, a partir dos pressupostos de Dante Lucchesi e Alan Baxter, (2009), Mattos e Silva (2004) e outros.

Tomando como base estes estudos, o artigo teve por objetivo verificar o uso da preposição *ni*, na comunidade Volta do Angico, considerada pela Fundação Cultural Palmares (FCP) como remanescente quilombola, situada no município de Canarana-Ba. Cabe informar que para a análise do fenômeno supracitado temos uma amostra composta por seis informantes, organizados por sexo (feminino e masculino) e faixa-etária (I de 18 a 25 anos, e faixa-etária II de 36 a 56 anos e faixa-etária III a partir de 60 anos), que cursaram até o 5º do Ensino Fundamental. Cabe afirmar que os dados utilizados para essa análise integram ao banco de dados pelo projeto Estudos Linguísticos e Históricos do Sertão (ELiHS), em execução na UNEB, *campus XVI*, sob a coordenação da professora Dayane Moreira Lemos.

2 CONTATO LINGUÍSTICO: BREVE DISCUSSÃO

Nesta subseção faremos uma breve discussão sobre o contato linguístico, nos apoiando em estudos sobre o português afro-brasileiro, especialmente os desenvolvidos por Lucchesi

(2009), o qual busca sistematizar quais foram as evidências empíricas que sugerem motivar certas características morfossintáticas da norma popular brasileira, bem como o maciço contato do português com outras línguas indígenas e africanas ocorrido no primeiro século da formação da sociedade brasileira.

Como afirma Luchessi (2009), para compreendermos um contato linguístico na formação do português brasileiro teríamos que levar em conta a língua de milhões de índios e africanos escravizados bem como a socialização dessa variedade defectiva dos descendentes desde o início da colonização até meados do século XIX. Para Lucchesi e Baxter (2009), essa situação inicial de contato linguístico, entre portugueses e escravos africanos, gera uma língua emergencial denominado pidgin, na qual os escravizados no momento de interação e sujeição, aprendem a versão da língua alvo, através de suas variedades defectivas e que, posteriormente, são transmitidas para os seus descendentes.

O avanço da língua portuguesa no território brasileiro[...] seja em sua variedade nativa, veiculada pelos colonos brasileiros, seja na variedade defectiva, falada pelos escravos africanos e seus descendentes crioulo[...] dá-se primacialmente sobre uma base socioeconômica, com a expansão das lavouras de açúcar no século XVII e, sobretudo, através das variedades defectivas de português adquiridas pelos escravos africanos e transmitidas para os seus descendentes crioulos. (LUCCHESI, 2009, p. 47).

De acordo com a visão da polarização sociolinguística do Brasil, Luchessi (2009, p. 52) afirma que só as variedades populares do português do Brasil foram afetadas mais diretamente pelo contato entre línguas. Enquanto que a norma linguística da elite era afetada indiretamente,

de um lado, nos restritos círculos da elite dos pequenos centros urbanos, os 'grandes' da Colônia e do Império cultivavam a língua e as boas maneiras, sob a inspiração dos modelos importados d'além mar. Do outro lado, nas vastas regiões do interior do país, a língua portuguesa passava por drásticas alterações, sobre tudo em função do processo de **transmissão linguística irregular**, desencadeando nas situações de contato entre línguas abrupto, massivo e radical, compreendendo a aquisição precária do português por parte dos índios e africanos, a sua socialização, entre esses segmentos e a sua nativização, a partir desses modelos defectivos, entre descendentes endógamos e mestiços desses índios aculturados e africanos escravizados. (LUCHESSI, 2009, p. 53 – grifo do autor).

Ainda nesta perspectiva, o autor fala que a língua portuguesa sofre alterações, sobre tudo, em função da transmissão linguística irregular, afirmando que ao longo dos processos de urbanização da sociedade brasileira do século XIX houve uma significativa mudança no panorama cultural linguístico das camadas mais baixas da população.

Essa, influência cultural e linguística define uma tendência da mudança do português popular em direção aos modelos da norma urbana culta, que atinge e

influenciam as camadas mais baixas da população através da televisão, do rádio, ou pelo contato direto, proporcionado pelas modernas condições de transporte, ou mesmo através do precário sistema de ensino público. (LUCHESSI, 2009, p. 56).

Portanto, a visão mais ampla do conceito Transmissão Linguística Irregular (TLI) vai definir que o português brasileiro é uma variedade parcialmente reestruturada pelo contato das línguas, resultando a ampliação da variação no uso do mecanismo gramático e sem valor informacional. segundo Luchessi e Baxter (2009, p. 101),

[...] O conceito de transmissão Linguística Irregular é tomado para designar amplamente os processos históricos de contato maciço entre povo falante de línguas topologicamente diferenciadas, entre o século XVI e XIX, em decorrência da ação do colonialismo europeu na África, Ásia, América e Oceania.

Partindo desse conceito adotado por Lucchesi (2003, 2008), a transmissão linguística irregular seria uma nova variedade da língua com o propósito de contato.

Os processos de contato massivo e radical entre línguas, como aqueles criados no bojo da expansão colonialista europeia, entre os séculos XVI e XIX, caracterizam-se, em linhas bem gerais, por um duplo movimento. Primeiramente, ocorre uma forte erosão gramatical da língua do grupo dominante (*a língua-alvo ou língua lexificadora*), no momento inicial do contato, quando se forma um código de comunicação emergencial, denominado na crioulística como *jargão* ou *pré-pidgin* e constituído basicamente por um vocabulário bastante restrito da língua do grupo dominante que os falantes dos grupos dominados adotam para desempenhar funções comunicativas básicas. (LUCHESSI, 2012, p. 254-255).

Lucchesi (2012, p. 250) explica que no plano linguístico, uma grande parcela da população necessitava a de aprender uma língua de emergência, mesmo que essa língua fosse defectiva e apresentasse uma significativa redução/simplificação gramatical.

3 EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nos últimos tempos, muitos foram os estudos voltados à área da linguística e, pensando na correlação dos aspectos linguísticos e sociais. Muitos estudiosos têm se dedicado à formalização dos estudos da língua em uso no seio da comunidade de fala. Numa perspectiva científica, muitos pesquisadores brasileiros desde de 1970, embasados na Teoria da Variação e Mudança, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006), vem se ocupando da descrição de fenômeno variáveis no português do Brasil, levando em consideração os fatores linguísticos e os extralinguísticos (faixa etária, escolaridade, etc.), sendo os quais, encontram possíveis explicações para os fenômenos inerentes ao processo de variação e mudança.

De fato, cabe a Sociolinguística diagnosticar as variáveis atuantes na língua, uma vez que é através desse modelo de investigação que iremos classificar as variáveis internas e as

variáveis externas a língua, nos permitindo entender os fatores atuantes nos processos de variação de uma ou outra variante na busca de compreender que a variação e a mudança apresentam sistematicidade. Como propõe Mollica e Braga (2015, p. 11),

variantes internas encontramos os fatores de natureza fonomorfo sintático, os semânticos, os discursivos e os léxicos, sendo esses fatores que irá dizer as características que varia na língua, nos níveis do significante e significado. No conjunto que compõem as variáveis externas à língua, reúne os fatores inerente aos indivíduos (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social), e os extra sociais (como grau de formalidade e tensão discursiva).

Assim, a sociolinguística configura-se como uma das subáreas da linguística que tem como foco analisar as comunidades de fala, ou seja, estudar o uso concreto da língua. Essa vertente da linguística tem como objeto de estudo a variação, entendendo-a como sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e contextuais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso, sistematicamente previsíveis. Com afirmam Mollica e Braga (2015, p. 11):

Uma variável é concebida como dependente no sentido do emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressões obre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

Para formalização deste artigo, as análises foram tratadas conforme as instruções das pesquisas sociolinguísticas (LABOV, 2008[1972]; GUY; ZILLES, 2007), as quais procuram descrever e explicar o processo de variação e mudança, levando em consideração os fatores linguísticos e os extralinguísticos (faixa etária, escolaridade etc.), como condicionadores de regra da aplicação.

A título de estruturação, o *corpus* analisado nesta pesquisa está estratificado conforme o sexo (feminino e masculino) e faixas etárias (faixa I (15 a 25 anos), faixa II (40 a 60 anos) e faixa III (60 a 80 anos)). Assim, a partir desses critérios a amostra é constituída por 06 (seis) informantes, conforme *Quadro 1*.

Quadro 1 – Composição do *corpus*

MASCULINO			FEMININO		
Faixa etária I	Faixa etária II	Faixa etária III	Faixa etária I	Faixa etária II	Faixa etária III
Informante 01	Informante 02	Informante 03	Informante 01	Informante 02	Informante 03

Fonte: Elaborado pela autora.

Com o propósito de verificar a existência da preposição *ni* na comunidade de Volta do Angico, fez-se necessário recorrer ao banco de dados pertencente ao projeto Estudos Linguísticos e Históricos do Sertão (ELiHS), em execução na UNEB, *campus* XVI, o qual foi cedido as amostras já transcritas, pela coordenadora do projeto, a saber: professora Dayane Lemos.

Com as amostras transcritas e revisadas, deu-se o processo de mapeamento do objeto de pesquisa, a saber *ni ~ em*, em seguida a codificação dos dados – codificar é transpor em código identificável pelos programas computacionais disponível tudo aquilo que queremos que seja quantificado. Segundo Mollica (2015, p. 155), antes de iniciar o processo de codificação propriamente dito, o pesquisador deve escolher um símbolo – e apenas um – para cada uma das variantes, formas individuais que disputam pela mesma variante.

Após o mapeamento e codificação dos dados esses foram rodados no programa Goldvarb X, um dos programas estatísticos utilizados para análise de dados na pesquisa sociolinguística, através do qual é possível encontrar os valores percentuais e relativos de cada variável.

3.2 *LOCUS* DA PESQUISA

O *locus* da pesquisa é Volta do Angico, uma comunidade considerada como remanescente quilombola, pertencente ao município de Canarana, localizada no centro-norte do estado da Bahia. Hoje, Canarana faz parte do Território de Identidade denominado Irecê, que segundo informações da Superintendência dos Estudos Econômicos e Sociais do Estado da Bahia (SEI, 2018, p.138) são compostas por 20 municípios. Alinhando estas informações com o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE, 2017), historicidade do município de Canarana.

Até o início do século XIX, o território de Canarana, habitado por índios Pataxós era de propriedade do Conde da Ponte. Com o avanço da ocupação do oeste do Estado da Bahia, estas terras foram adquiridas pela família Miranda onde estabeleceram a Fazenda Canabrava. Canabrava em linguagem indígena é "cana falsa", era uma vegetação vasta às margens do Rio Vereda Romão Gramacho. Por ser área de rota entre os municípios de Xique-xique, Morro do Chapéu e Seabra, nas proximidades da fazenda formou-se um povoado dedicado a agricultura de feijão, milho, mamona e mandioca e a pecuária de bovinos, caprinos, suínos e aves. Com o desenvolvimento da região e o crescimento populacional, surgiram novas cidades.

Os moradores mais velhos contam que essa comunidade foi originada a partir de um quilombo, distante da sede 19 quilômetros, tendo em média de existência/ formação cerca de 180 a 200 anos. A comunidade de Volta do Angico, assim como outras comunidades da região

de Irecê, foi reconhecida oficialmente como uma comunidade afrodescendente pela Fundação Cultural Palmares. Importante relatar que o Decreto nº 4.887, artigo 5º, de 20 de novembro de 2003 atribuiu a competência de reconhecimento (através de autodeclaração) a Fundação Palmares

Art.5º Compete ao Ministério da Cultura, por meio da Fundação Cultural Palmares, assistir e acompanhar o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o INCRA nas ações de regularização fundiária, para garantir a preservação da identidade cultural dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como para subsidiar os trabalhos técnicos quando houver constatação a procedimento de identificação e reconhecimento previsto neste Decreto.

Assim, “consideram-se remanescentes da comunidade dos quilombos [...] os grupos étnicos-raciais, segundo critérios de alto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados das relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência a opressão histórica sofrida” (Artigo 2º, Decreto nº 4.887/2003).

Por muito tempo, a vida dos moradores de Volta do Angico não tem sido fácil, principalmente quando se trata do deslocamento para a cidade sede, os moradores relatam que as estradas de terra, que é compacta ao cascalho, está em péssimas condições de uso, por conta de muitos buracos ao longo do percurso entre a cidade sede e a comunidade do Angico. Por conta desse transtorno, o deslocamento da zona rural para o centro urbano fica comprometido, por falta de veículos circulando, principalmente em períodos de chuvas, a estrada fica intrafegável, e por conta dessa situação, os moradores ficam isolados de suas atividades sociais.

Além das limitações estruturais provenientes da falta de investimentos em infraestruturas nas estradas. Os moradores vêm se ajustando e se adequando a realidade. Hoje, os moradores de Volta do Angico contam com uma associação comunitária rural, local onde os associados (agricultores e trabalhadores rurais) discutem melhorias para própria comunidade.

Além da associação comunitária, a comunidade é assistida com bens de serviços, como escola pública para Educação Fundamental I (1º ao 5º ano), energia elétrica, água encanada, acesso a sinal de telefonia. Do total de 600 a 630 habitantes locais, 90% se declaram negras, sendo que a maioria desses membros são adultos com faixa etária de 31 a 59 anos. A religião de predominância nessa comunidade é a religião católica.

Diante dessas informações, é possível dizer que a pesquisa sobre o *corpus* oral, dos moradores da comunidade será de grande contribuição para os estudos da diversidade linguística em nosso território, uma vez que essa diversidade implica a contribuição de povos remanescentes/descendentes de quilombo.

Cabe informar que os dados, sobre a comunidade de Volta do Angico, encontram-se vinculados ao projeto Estudos Linguísticos e Históricos do Sertão (ELiHS).

4 A PREPOSIÇÃO *NI* EM AMOSTRAS DE FALA DA COMUNIDADE DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE VOLTA DO ANGICO

A variante *ni* em variação com a preposição *em* tem sido objeto de estudos por parte de alguns linguistas, principalmente ao se tratar de *corpus* representativos de comunidades do sertão baiano. Portanto, nesta seção apresentaremos as análises das amostras de fala do *corpus* representativa da comunidade de Volta do Angico, sob uma perspectiva da sociolinguística quantitativa, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006), permitindo-nos demonstrar o número de ocorrências e os percentuais obtidos a partir das rodadas dos dados, através da ferramenta computacional Goldvarb X.

Para as análises selecionamos cinco grupos de variáveis como significativas para o emprego do *ni*, a saber:

- (i) Deslocamento no espaço;
- (ii) Definitude do SN;
- (iii) Traço semântico do SN;
- (iv) Traço de animacidade do SN;
- (v) Grau de concretude.

Além dos fatores linguísticos, controlamos também dois fatores extralinguísticos, a saber:

- (i) Faixa etária;
- (ii) Sexo.

Os dados foram rodados no programa Goldvarb X, no entanto, o programa não selecionou nenhuma das variáveis supracitadas como relevantes na rodada binominal. Assim sendo, apresentaremos em nossas análises apenas os percentuais encontrados para as variáveis definidas por outros estudos – a citar o de Souza (2015) – como relevantes ao processo de variação entre *ni* e *em*.

4.1 AS VARIÁVEIS DEPENDENTES

Com base nos conceitos de Mollica (2015, p.10-11), a variação linguística se constitui como um fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas

denominadas variantes. Nesse sentido, entendemos por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente.

Na amostra representativa do falar da comunidade Volta do Angico foi mapeado as variáveis para preposição *ni* ~*em*. Nas amostras analisadas, de 115 ocorrências da variável dependente, a variável *ni*, aparece com uma frequência de 41 ocorrências, conforme demonstra a *Tabela 1*.

Tabela 1 – Variação no uso de *ni* e *em* na comunidade quilombola Volta do Angico

	Frequência	%
Ni	41/115	35.7
Em	74/115	64.3

Fonte: Elaborada pela autora.

Com esses resultados, nota-se um percentual de 35.7% da preposição *ni*, com 41 ocorrências, em variação com a preposição *em* que apresenta o percentual de 64.3%, quantitativo representado pelas demais 74 ocorrências. O resultado apresentado endossou a hipótese inicial de que o *ni* iniciava o processo de variação na amostra em análise.

4.2 VARIÁVEIS SOCIAIS E LINGUÍSTICAS

O estudo das variáveis sociais e linguísticas é de fundamental importância na área da sociolinguística, pois permite ao pesquisador observar determinados processos, apontando o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticando se as variáveis têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular ou sistemático (MOLLICA, 2015).

4.2.1 Variável social faixa etária

A variável faixa-etária tem sido de grande relevância para os estudos na área da sociolinguística, pois permite ao pesquisador observar o desempenho linguístico a partir do nível de variação/mudança linguística, uma vez que as inovações da língua tendem a ser propagadas pelos mais jovens em detrimento dos mais velhos que tendem a ser mais conservadores no que se refere ao uso da língua, LABOV, [1972] 2008, p.184).

Tabela 2 - A frequência de uso de *ni* e *em* em função da variável faixa etária

FAIXA ETÁRIA	NI		EM	
	Frequência	%	Frequência	%
I (20 até 30 anos)	15/28	53.6	13/28	46.4
II (31 até 59 anos)	20/63	31.7	43/63	68.3
III (mais de 60 anos)	6/24	25.0	18/24	75.0

Fonte: Elaborada pela autora.

Nossos resultados apontam uma porcentagem de 53.6% na faixa etária I para a preposição *ni*, indicando que os mais jovens dessa comunidade fazem uso dessa preposição. Para a faixa etária II obtivemos uma frequência maior de 20/64, equivalente a 31.7%. Para a faixa etária III apenas 25.0%, o que demonstra uma redução progressiva em relação as faixas etárias.

Correlacionando as frequências entre a faixa etária I e II e III podemos dizer que a preposição *ni* aparece com muita frequência, no desempenho linguístico dos mais jovens. Porém, todas elas apresentam graus importantes de prototipicidade. Esse resultado dentro da comunidade de fala de Angico contradiz com pesquisas que foram feitas em outras comunidades baianas sobre a preposição *ni~ em* – Baxter e Lopes (2006) constataram que a frequência de uso *ni* era maior na faixa III em relação à faixa II e I, evidenciando que essa variante estava passando pelo processo de descreiologização.

4.2.2 Variável social sexo

De acordo com Mollica (2015) para uma análise da dimensão social da variação e mudança linguística não se pode ignorar, no entanto, que a maior ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças, estejam associados ao sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino. Quando se trata da correlação entre sexo e mudança linguística um aspecto a considerar é o valor da variante inovadora, visto que, segundo Mollica (2015, p. 36), “um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou uma forma estigmatizada, que infringe padrões linguísticos vigentes”.

Para essa análise, foi relacionado o número de frequência tanto da preposição *ni* quanto da preposição *em*, ou seja, o percentual encontrado para cada uma delas, conforme a *Tabela*

3. Os dados apontam um total de frequência 25/60 da preposição *ni*, sendo 41.7% para o sexo masculino. O sexo feminino apresenta uma frequência de 16/55 e percentagem de 29.1 %.

Tabela 3 – A frequência de uso de *ni* e *em* em função da variável sexo

SEXO	NI		EM	
	Frequência	%	Frequência	%
Masculino	25/60	41.7	35/60	58.3
Feminino	16/55	29.1	39/55	70.9

Fonte: Elaborada pela autora

Como podemos perceber a frequência no uso da preposição *ni* na comunidade quilombola de Angico, os homens aparecem com uma maior frequência, de 41.7%, em relação as mulheres que apresentam uma tendência menor para o uso da preposição menos prestigiada, com 29.1%. O sexo feminino também supera aos homens, quanto ao uso da forma padrão da preposição *em*, com um percentual expressivo de 70.9%. Esses resultados para a variável sexo, contrapõem a explicação pontuada por Lucchesi e Baxter (2009, p. 285), em pesquisas realizadas na comunidade de Helvécia, para os pesquisadores, os homens têm um maior grau de integração social, o que implica um maior grau dos padrões linguísticos adventícios, aproximando do dialeto aos padrões de maior prestígio social. Os resultados obtidos para a variável sexo, indicam que as mulheres de Volta do Angico, mesmo ficando mais tempo em casa, em suas ocupações domésticas preferem a forma padrão da preposição *em*.

4.2.3 Deslocamento no espaço

O deslocamento no espaço é outra categoria semântica cognitiva de muita relevância para a análise da preposição *ni*. De acordo com Souza (2015, p. 77), o deslocamento no espaço tem função semântica cognitiva que pode indicar [+movimento], como em (1), e/ou [-movimento], como em (2). Nas pesquisas realizadas por Baxter e Lopes (2006), esses fatores também podem favorecer as ocorrências do *ni*.

(1) Pá casa de minhas irmã...**uma NI Irecê...**tem uma casa **NI Presidente Duta**. (Inf. 04)

(2) Trabaiei muito **NI roça**. (Inf. 05)

Como podemos observar na *Tabela 4*, o fator [+movimento] é bastante recorrente para a preposição *ni*, com frequência de 37.0%, indicando movimento para fora, [- movimento] aparece em segundo lugar com frequência de 32.4%.

Tabela 4 – A frequência de uso de *ni* e *em* em função da variável Deslocamento no espaço

DESLOCAMENTO NO ESPAÇO	NI		EM	
	Frequência	%	Frequência	%
+ movimento	30/81	37.0	51/81	63.0
- movimento	11/34	32.4	23/34	67.6

Fonte: Elaborada pela autora.

Diferente do que foi pontuado por Souza (2015, p.77), sobre essa categoria semântica, “[...] o movimento dentro de um lugar, tendo em vista que o valor semântico pleno do *em*, é indicar lugar dentro. Com base nessa afirmativa, pôde-se hipotetizar que o *ni* seria mais recorrente nos SNs que indicam [- movimento] do que os que indicam [+ movimento]”. Percebe-se que a variante *ni*, é recorrente nas falas da comunidade de Volta de Angico, quando se indica os sentidos para os adjuntos adverbiais como assunto ou modo e causa, como foi averiguado em estudos realizados por Baxter e Lopes (2006).

4.2.4 Definitude do SN

A variável definitude do SN tem como função sintática estabelecer graus de referências definida, diferenciando o específico do não específico. Nesse caso, podemos verificar a ocorrência como em (3).

(3) se for **NI** **panela** pressão que tive o ar é ligero. (Inf. 06)

Nas amostras analisadas, para essa variável, podemos perceber que a frequência para [definido específico] é bem significativa, com percentual de 38.8% para o uso do *ni*, para o [indefinido] com percentual de 31.2%, como demonstra a *Tabela 5*.

Tabela 5 – A frequência de uso de *ni* e *em* em função da variável Definitude do SN

DEFINITUDE DO SN	NI		EM	
	Frequência	%	Frequência	%
Definido	26/67	38.8	41/67	61.2
Indefinido	15/48	31.2	33/48	68.8

Fonte: Elaborada pela autora.

Com base nesses resultados, percebemos que na comunidade de Volta do Angico a frequência é bem maior do *ni* nos SNs [definidos], ratificando os resultados apontados por Souza (2015). Baxter e Lopes (2006) também apontam uma frequência maior do *ni* nos SNs [definidos + específicos]. Procedendo dessa forma, nossos resultados estão dialogando com estudos já citados, no que concerne aos [definidos e indefinidos].

4.2.5 Traço Semântico do SN

Para essa variável levamos em consideração a natureza sintático-semântica do *em* ~ *ni* apenas para classificar os complementos adverbiais (neste caso, indicando lugar, como em (4)), e os sentidos para os adjuntos adverbiais (assunto, modo etc., como por exemplo:

(4) Eu joguei **NI Lagoa de Zeca**. (Inf. 2)

Como podemos observar, na Tabela 6, temos o percentual de 43.1% do fator [lugar] com a presença da preposição *ni*. E o fator [não-lugar] para essa mesma preposição com percentual de 28.1%. Como havia apontado antes, há um favorecimento da aplicação desses conectivos nos contextos locativos para a realidade social de Volta do Angico.

Tabela 6 – A frequência de uso de *ni* e *em* em função da variável Traço semântico do SN

TRAÇO SEMÂNTICO DO SN	NI		EM	
	Frequência	%	Frequência	%
Lugar	25/58	43.1	33/58	56.9
Não-lugar	16/57	28.1	41/57	71.9

Fonte: Elaborada pela autora.

O fator [lugar] teve um total de 25/58 ocorrências, com 43.1%, enquanto o [não-lugar] apresentou total de 16/57 ocorrências para preposição *ni*, com 28.1%. De acordo com Souza (2015, p. 83), o fator lugar sustenta a ideia de que o *ni* é mais recorrente em sintagmas com esse valor semântico, do que em outros, com frequência de 28.1%. Podemos perceber que a proposição *em ~ni* seja mais utilizada, registra-se que entre esses dois fatores analisados o *ni* é mais aplicável em contexto que denotam ideia de lugar do que em outras situações. Nessa mesma análise, podemos observar que a frequência de [lugar] em *em*, de 33/58 e 56.9%, para o [não- lugar] em *em* essa frequência é mais expressiva, com percentual de 71.9%.

Correlacionando esses valores do traço semântico da comunidade de Angico, com análises feita por Souza (2015, p. 97) em comunidade de Matinha, no qual observou que esse traço semântico tinha um maior favorecimento para o fator lugar para o uso do *ni*, colaborando com a ideia de que essa preposição talvez possuam alguma relação com as línguas africanas.

4.2.6 Traço de Animacidade do SN

Para Mollica (2015, p. 92) o traço semântico é o mais difundido nos estudos das variáveis portadoras de significados. Em pesquisa feita por Souza (2015), Baxter e Lopes (2006) em comunidades baianas, os autores observaram que os valores semânticos inerentes às preposições o uso do *ni* introduzia sintagmas referentes à parte do corpo e, que talvez essa preposição estivesse relacionado ao grau de animacidade do SN. O traço de animacidade foi analisado com base em três aspectos: inanimado, como em (5), animado [+ humano], como em (6), e animado [- humano], como em (7).

(5) chove **NI algum** lugá lá pá ota região, né. (Inf. 02)

(6) Teve uma vez que eu botei fogo **NI meu** cabelo. (Inf. 04)

(7) Duici tomei muita remédo lá **NI São Palo**. (Inf. 06)

Como podemos observar na Tabela 7, o traço animad em *ni* obteve um percentual de 33.3%, enquanto que o traço inanimado relacionado a lugar apresenta uma maior frequência 35.8 para o uso do *ni*.

Tabela 7 – A frequência de uso de *ni* e *em* em função da variável Traço de animacidade do SN

TRAÇO DE ANIMACIDADE DO SN	NI		EM	
	Frequência	%	Frequência	%
Animado	3/9	33.3	6/9	66.7
Inanimado	38/106	35.8	68/106	64.2

Fonte: Elaborada pela autora.

Nas amostras analisadas, para essa variável, podemos perceber que a frequência para o traço inanimado ou seja, bem mais representativa, com percentual de 35.8% para o uso do *ni*, em contrapartida o uso dessa mesma variável o *em* aparece com percentual bem maior de 64.2%, como demonstra a tabela acima. Dessa forma, podemos perceber que os traços mais salientes para a variante e o [inanimado] que a variante [animado], em *corpus* orais de Volta do Angico.

4.2.6 Grau de Concretude do SN

Souza (2015) observou que o grau de concretude do sintagma atestava o valor locativo e/ou outros, como tempo, quando mais concreto fosse o SN maior seria o número de ocorrências do *ni*. Pensando nessa possibilidade, foram constatados também a presença e/ou ausência de concretude do SN, isto é, se ele apresentaria uma característica [concreta] ou [abstrata], na amostra analisada.

Tabela 8 – A frequência de uso de *ni* e *em* em função da variável Grau de concretude do SN

GRAU DE CONCRETUDE DO SN	NI		EM	
	Frequência	%	Frequência	%
Concreta	30/75	40.0	45/75	60.0
Abstrata	11/40	27.5	29/40	72.5

Fonte: Elaborada pela autora.

Como podemos perceber temos o Grau de concretude com mais desempenho [concreta] com frequência de 40.0%. Assim podemos dizer que quanto mais concreto for o SN, maior será a frequência. Para o desempenho da variante aqui apresentada, [abstrata] obtivemos uma frequência de 27.5%. Os resultados para esses grupos de fatores são pertinentes

para explicar o fato dessa preposição ser mais recorrente em sintagmas nominais introduzidas por *ni*, apontando os locativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou investigar por meio de *corpus* oral representativo de variedade do português popular brasileiro, da comunidade de remanescentes quilombola de Volta de Angico, o uso da preposição *ni*. Como podemos observar nas análises dos dados, a variante *ni* é usada pelos falantes dessa comunidade supracitada. Os resultados revelaram que a variante aparece em menor proporção quando comparada ao uso da variante *em*, com percentual de 35.7%, enquanto a preposição *em* ainda apresenta uma frequência superior de 64.3%.

Os dados quantitativos em relação às variáveis sociais, para as Faixas-etárias I e II, revelam que os mais jovens dessa comunidade fazem uso dessa preposição de 15/28, com percentual de 53.6% para o uso da variante *ni*. No que compete ao gênero - sexo, os homens apresentam-se com uma frequência de 41.7% para o uso da variável popular do *ni*. Enquanto que as mulheres estão predispostas ao uso da forma padrão da preposição *em*, com um percentual expressivo de 70.9%.

Em relações as variáveis linguísticas, obtivemos resultados significativos para o nível de ocorrência para a preposição *ni*. No entanto, o programa não selecionou as variáveis supracitadas como relevantes para as rodadas binominal. Reafirmado o que já foi mencionado, apresentamos em nossas análises apenas os percentuais encontrados para as variáveis definidas por outros estudos – a citar o de Souza (2015) – como relevantes ao processo de variação entre *ni* e *em*.

Com essas breves análises, podemos dizer que o estudo sobre fenômenos linguísticos é de fundamental importância para a área da sociolinguística, pois permite ao pesquisador observar determinados processos, apontando o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático, (MOLLICA, 2015, p.11).

Esperamos que os resultados obtidos nesta pesquisa possam contribuir para outros estudos na área, a fim de ampliar o conhecimento sobre as variedades do português popular brasileiro, principalmente, quando elencamos uma comunidade certificada enquanto remanescente de quilombos e com informantes não escolarizados.

REFERÊNCIAS

LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: UFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dantes; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-124.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas, a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante. **História do contato entre línguas no Brasil**. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: UFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante. **Vertentes do português popular da Bahia**, Dante Lucchesi e Silvana Araújo – Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. Acesso em 13 de novembro de 2021.

LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S., orgs. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 249-274.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MOLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2015.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. **Ensaio para uma sócio-histórica de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Perfil dos Territórios de Identidades / **Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**. – Salvador: SEI, 2018.3v.p.252(Série territoriais de identidades da Bahia, v.3).

O QUILOMBO VOLTA DO ANGICO, em Canarana-BA, foi certificado com remanescente de quilombo pela fundação Cultural Palmares. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/canarana-quilombo-volta-do-angico>. Acesso em: 14 de nov. de 2021

SOUZA, Emerson Santos de. **A preposição “ni” em continuum rural-urbano de Comunidades Baianas**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Feira de Santana, 2015.